

O Soluço do Céu em Dia de Chuva me Anima | Felipe Eleutério

O soluço dos céus em dias de chuva me anima

Entre sopros e luzes, esclarece:

"São ritmos em fagulha de tambores"

(daqueles tocados por ninguém).

E pensar que esse mesmo ressoar dos tambores,

que vêm de dentro

e vêm de fora,

são meus. E no entanto me atravessam sem controle.

Que não posso estar por detrás de mim mesmo

não posso estar nas coxias,

na sonoplastia do meu coração.

Muito menos no extremo oposto,

em órbita convexa

por fora manifesta,

orquestrando despejos. Não.

É um caso de *ser-se* incompleto e *estar-se* preenchido.

Por falta de abraços, seus, me atravesso solitário.

Pulsante num trovejar de dor

distante porém latente.

mórbido, porém luzente.

Só agora sei da falta

calorosa que me faz em dias frios.

Deixando minha noite triste e derramada por fora,

meu peito à vela

do avesso

transbordante

à deriva

por dentro.

"Não sei como comecei a chover a sua ausência"

"Não fui eu que me deixei assim..."

"Não posso dizer, tampouco, se foi você, você se foi".

Navego por entre poças dos meus sentimentos,

como efeito de nuvens que se formaram do nada,

choraram a madrugada inteira,
suspensas sobre vazios e sustentadas por ninguém.
Despejando-se sobre pessoas ocas como eu, e
indo embora logo depois como se nem tivessem existido.
Só então é que descubro, já frio e ressequido,
quão mais profundo é o vazio que a sua presença fez em mim.